



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

JEAN VICTOR ROCHA DE MENEZES

MOLEQUE ESTRANHO: a trajetória de um corpo artista

BELÉM – PARÁ

2021

JEAN VICTOR ROCHA DE MENEZES

MOLEQUE ESTRANHO: a trajetória de um corpo artista

Monografia de conclusão de curso apresentada para
obtenção de título em Licenciatura em Teatro,
Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal
do Pará.

Orientador: Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia.

BELÉM - PARÁ

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

M543m Menezes, Jean Victor Rocha de
 Moleque estranho: a trajetória de um corpo artista / Jean Victor
 Rocha de Menezes.

 Orientadora: Profº. Me. Anibal José Pacha Correia.

 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto
 de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura
 em Teatro, Belém, 2021.

 1. Teatro de fantoches – Processo de criação. 2. Representação
 teatral. 3. Linguagem corporal. I. Título.

CDD - 23. ed. 791.53

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



ATA Nº 207 / 2021 - ICA (11.31)

Nº do Protocolo: 23073.005888/2021-51

Belém-PA, 26 de fevereiro de 2021.

ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 16 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e um, às 10h (dez horas), reuniu-se via Google Meet, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia (Orientador e Presidente de Banca), Profa. Ma. Claudia do Socorro Gomes da Silva (Avaliadora Interna) e Profa. Dra. Andréa Bentes Flores (Avaliadora Interna), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno **JEAN VICTOR ROCHA DE MENEZES**, intitulado: **"Moleque estranho: a trajetória de um corpo artista"**.

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE com as seguintes observações: Incluir o link do vídeo como parte integrante do trabalho. O referido trabalho foi indicado para publicação, e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 16 de fevereiro de 2021.

Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia
Orientador e Presidente de Banca

Profa. Ma. Claudia do Socorro Gomes da Silva
Avaliadora Interna

Profa. Dra. Andréa Bentes Flores
Avaliadora Interna

(Assinado digitalmente em 01/03/2021 12:23)
ANDREA BENTES FLORES
PROFESSOR ENS BASICO TECH TECNOLOGICO
ETDUFPA (11.31.06)
Matrícula: 2155440

(Assinado digitalmente em 26/02/2021 22:55)
ANIBAL JOSE PACHA CORREIA
PROFESSOR ENS BASICO TECH TECNOLOGICO
ICA (11.31)
Matrícula: 1808615

(Assinado digitalmente em 01/03/2021 17:48)
CLAUDIA DO SOCORRO GOMES DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICA (11.31)
Matrícula: 2178281

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 207, ano:
2021, tipo: ATA, data de emissão: 26/02/2021 e o código de verificação: c3e5aa90c6

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: (INSERIR AQUI A ASSINATURA DIGITAL)

Jean Victor Rocha de Menezes

Local e Data: Belém, de de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram parte de minha trajetória durante esta pesquisa, principalmente a pessoa que passou a maior parte da mesma escutando minhas reclamações e preocupações, minha família, especialmente minha avó e minha mãe. A todas as pessoas que estão dentro do meu coração e me inspiram a cada dia que passa. Dedico também a meu orientador Prof. Me. Aníbal Pacha por ter me guiado nesta trajetória e por ter sido um grande amigo.

RESUMO

Escrita sobre a trajetória de um indivíduo com todas suas peculiaridades, segundo a teoria de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Revivendo acontecimentos na vida de um indivíduo preto, periférico e como todos estes acontecimentos formaram o homem que o mesmo é hoje em dia. Narrando a história através de várias formas de arte, utilizando de poemas para narrar os pontos de maior atravessamento de seu rizoma. Criando então uma experimentação cênica usando noções de Teatro de animação para compor a cena final de sua trajetória de si.

Palavras-chave: Processo de criação. Rizoma. Trajetória de si.

ABSTRACT

Writing about an individual's trajectory with all its peculiarities, according to Gilles Deleuze and Felix Guattari's rhizome theory. Reliving events in a black, peripheral individual's life and how those events made him the man he is nowadays. Narrating the life story through many art forms, like poems to narrate the main points of its rhizome. Then, creating a scenic experiment using Animated Forms Theatre to make a final scene of his trajectory.

Key Words: Creation process. Rhizome. Self trajectory

LISTA DE FIGURAS

Figura	1	-	Pequena	Morada	20
.....					
Figura	2	-	Casa	Gaiola	26
.....					
Figura	3	-	QUEDA	LIVRE	31
.....					
Figura	4	-	CÉREBRO	COMBUSTÃO	35
.....					
Figura	5	-	HOMO	PRETO	39
.....					

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
.....		
2	PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO	13
.....		
3	MOLEQUE RIZOMA(POEMAS)	17
.....		
3.1	Pequena morada	21
.....		
3.2	Família: Casa gaiola	27
.....		
3.3	Queda livre	32
.....		
3.4	Cérebro combustão	36
.....		
3.5	Homo preto	40
.....		
4	EXPERIMENTAÇÃO CÊNICA PEDAÇOS DE MOLEQUE	45
.....		
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: CRESCIDO MOLEQUE	52
.....		
	REFERÊNCIAS	54
.....		

1 INTRODUÇÃO

Desde o princípio desta pesquisa algo martela minha cabeça, pedaços, partes, quebra-cabeças, encaixes. Reflexões oriundas da teoria escolhida para a pesquisa utilizando o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari. Assim através das minhas palavras, apresento momentos vividos. Um indivíduo que faz conexões em sua trajetória e se pontua ao longo de sua existência.

Minha arte está em constante transformação, isso me leva à descobertas contínuas a meu respeito. Visando me expressar de maneira original. Ampliando os caminhos, para esta pesquisa. Neste trabalho me expresso através de poemas, escritos no começo de 2020, contando minha trajetória, descrevendo de forma lúdica, por vezes abstrata.

Escrevo meus poemas dividindo-os em acontecimentos e vivências significantes, pontos que os quais julgo conectados durante toda minha vida, com suas linhas se entrelaçando em eterna constância. Por conseguinte divido minha pesquisa em cinco pontos, cinco momentos/fases que me afetam, são latentes no meu corpo. Pontos os quais julgo serem os principais de minha vida, os quais formam o homem artista que sou atualmente.

Separo-os em um total de cinco poemas, cada um cumpre sua função de narrar parte da minha vida. Desde à infância, trajetória artística, pré adolescência, conturbada adolescência até o início da vida adulta.

O momento em que revelo à criança que fui apresenta o menino nascido em bairro periférico, em casa humilde, habitada por vários, adultos majoritariamente. Este é o meu primeiro convívio em sociedade, o ambiente familiar. A pré adolescência é o momento em que saio de casa, convivendo com outras pessoas, conheço novos espaços. Entrando em contato pela primeira vez com pessoas de fora do ciclo familiar. A pressão estética ditada pela sociedade sobre seus padrões estéticos de peso, corpo, cor de pele e modelos de cabelo, foram grandes empecilhos para meu desenvolvimento pessoal e social.

A fase dolorosa da adolescência contribuiu para as pressões que a sociedade impôs sobre meu corpo, levando-me a descobrir formas de lidar, assim como ignorar esses dissabores. A luxúria, o amor, as dores, todas suas constantes batalhas e sonhos de um adolescente preto periférico.

Recém saído de uma fase conturbada, a adolescência, momento o qual duvidava de tudo pertencente à minha essência, desde meu corpo, até meu tom de pele e status social. A fase adulta foi o momento em que gradativamente percebo-me inteiramente, parando de sentir vergonha de tudo que sou, evoluindo passo a passo, ergo à cabeça, hábito que antes não tinha.

Ao adentrar na fase adulta como artista, é o momento em que me encontro dentro do mundo das artes, na faculdade de Teatro. Neste encontro me aceito como homem artista com todos os seus defeitos e qualidades e me sinto potente, com os atravessamentos os quais à arte da cena proporcionou.

Desenvolvo minha narrativa a partir de elementos da pré-expressividade, momento em que o corpo do ator, em cena, comporta-se de forma oposta ao cotidiano, adquirindo mais vitalidade, a energia impregna seus movimentos. Coloco no presente trabalhos os conceitos de corpo alterado expressando minhas vivências através de experimentação cênica segundo Eugenio Barba e sua obra. Dessa maneira acrescento minhas narrativas vividas nos mais variados estados artísticos.

O nível pré-expressivo pensado desta maneira é um nível operativo, não um nível que pode ser separado da expressão, mas uma categoria pragmática, uma prática, cujo objetivo, durante o processo, é fornecer o *bios* cênico do ator. (BARBA; EUGENIO, 1985, p. 187)

Agregando conceitos de Anarcometodologia de Luizan Ribeiro junto ao conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, abordando os atravessamentos que tive durante o processo, primordialmente através de memórias do meu viés enquanto ator. Inspirado em Pequenas histórias para pequenos grandes mundos de uma meninagem arteira de Aníbal Pacha.

2. PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO

Em todas as minhas criações é comum encontrar algo que provoque estranhamento que frequentemente choca, não coincidentemente uso o termo vomitar para expressar o meu momento de criação. Vomito no papel, através de poemas, toda minha existência, meus segredos, todas as particularidades que servem de parâmetro para analisar meu ato cênico completamente exposto em minha pesquisa a quem possa interessar.

Estes poemas são o cerne da minha pesquisa, palavra por palavra foi disparada velozmente, são confissões. As quais coloco em forma de vômito, sem qualquer tipo de polimento ou censura neste momento. Eles são de tamanho moderado e extensos, pois é exatamente assim que os quero, como milhões de confissões feitas aos berros, sem respirar. Por muito tempo tive que polir palavras até mesmo engoli-las, no entanto agora tenho propriedade para vomitar palavra por palavra, pensadas por breves segundos ou sequer pensadas. Palavras as quais ficaram retidas em minha garganta por muito tempo, agora pode sem vomitas sem censura, sem se preocupar com que será colocado. Todas essas palavras sempre estiveram presentes em mim me acompanhando durante toda trajetória, pulsando dentro do peito, tudo sou eu, meus pedaços conectados tal como um rizoma.

Poemas esses que foram parir, ou melhor, vomitar com pausas, pois, mesmo sendo uma autodescrição, ainda assim, não era e não é fácil. Pareciam lapsos, como ânsia, a sensação de ter algo preso em minha garganta, prestes a sair. Trava por um tempo em seguida volta a disparar mais e mais, assim se deu a escrita de meus poemas. Eu passava um bom tempo vomitando demasiadas palavras expurgando todas, havia momentos que não saia nada, minha mente simplesmente parava por alguns instantes, por diversos motivos talvez, medo, insegurança ou simplesmente para descansar evitando explodir, mas logo em seguida a ânsia aos poucos voltava e gradativamente palavras se expeliam de dentro de mim.

Logo após expelir tudo o que tinha dentro de mim, eu simplesmente deixava lá, intocado, intocável, ao menos por aquele momento, simplesmente esquecia aquilo que tinha escrito a segundos atrás e descansava minha mente, esquecia o poema para que o mesmo pudesse respirar. Para só depois corrigi-lo gramaticalmente ou potencializar uma ou outra palavra escrita. Porém, de forma alguma minha correção visava me auto censurar por quaisquer motivos que pudessem passar pela minha cabeça, sempre tinha consciência de manter todos da forma que escrevi, cru, vomitado, potente.

Para mim, que penso em arte todos os dias, em suas diversas maneiras, é natural usar mais de uma expressão artística como comunicação. Não foi diferente nesta pesquisa. Minha admiração pelo desenho digital o fez se aproximar de meu processo criativo desde o início do desenvolvimento deste trabalho. Desenhos digitais surgem em montes durante todo meu dia quando estou na internet. São vários tipos de imagens de diversos, com seus estilos de desenhar, traços únicos que implicam na mensagem de cada um deles.

A ideia de utilizar o desenho surgiu durante uma aula de estágio, eu estava entediado de manhã cedo. Pensando no que escrever e como o fazer, para criar uma partitura corporal desenvolvida por mim em uma experimentação cênica. Tracejo com uma caneta esferográfica em meu caderno de anotações com páginas cheias de pautas o desenho de uma figura humana, um corpo masculino criado através de minhas mãos. Um corpo masculino nu, se tocando, este corpo é meu corpo, meu corpo adulto, meu corpo atual. E é nele que traço um teclado de piano infinito, esse desenho foi minha partitura “corpo piano” um corpo tocando diversos acordes que foi transposto na experiência em um ato cênico desesperado.

Ao terminar aquele desenho, senti que ele seria fundamental nesse trabalho. Não somente para ilustrar aquilo que escrevo, mas também para ficar marcado dentro do corpo de minha pesquisa, tal como uma tatuagem fica marcada na pele, sempre presente no corpo. Este foi o primeiro de alguns desenhos que fiz, creio que foi o disparador para introduzir minha narrativa, desenhos que comunicassem de outra forma tudo aquilo que venho narrando, todas as histórias as quais narro neste diário.

Dessa maneira, decido adentrar em meu fazer artístico o desenho digital como uma maneira de me comunicar com o mundo. Engatinhando ainda, inicio meus estudos por conta própria em um programa de desenho para computador, passo dias, horas estudando em diferentes locais desta tão vasta internet sobre tudo o que vou precisar para ao menos desenhar meus pensamentos.

A minha proposta nunca foi ter desenhos perfeitos, dignos de um profissional, afinal, sei que não sou desenhista profissional neste momento estou apenas engatinhando em uma nova expressão artística. Sempre gostei de desenhar coisas abstratas, inclusive opto por inserir minha proposta neste trabalho, o faço de forma fluída. Ainda que seja uma narração de todas as minhas vivências, qualquer um que ler os poemas terá sua própria experiência como parâmetro. Todas essas narrativas se deram integralmente, por isso, passo a fazer desenhos que combinam o desenho realista com traços distorcidos, tracejados abstratos que formam imagens, entrelaço verdadeiros criados a partir da imaginação.

Na prática é bem mais difícil que a teoria. Percebo isso logo quando ponho na tela do computador meus primeiros traços. A arte visual digitalizada é muito diferente em seus procedimentos técnicos, difere muito do desenho usando lápis e papel, é um telão repleto de comandos. É fundamental que as regras sejam seguidas para haver hesito. Senti-me extremamente perdido usando esta ferramenta digital, era tudo muito novo e demasiadamente confuso, diversas vezes pensei em desistir deste tipo de linguagem visual e manter somente os poemas. Toda vez que pensava em desistir, não parecia certo, na verdade, nada parecia certo, porque sempre foi minha vontade, desde o começo desta pesquisa, desenhar meus pensamentos e tornar minha narrativa que se tornava mais rica em detalhes. Desistir por si só errado de maneira indescritível. Eu não estava ali para desistir, sinto que minha narrativa é de enorme potência, então eu apenas respirava. Houve momentos complicados durante o processo de criação de meus desenhos digitais, no entanto bastava pesquisar estudar e ter paciência, eu precisava adquirir tais hábitos para poder passar por este obstáculo.

Para mim cada poema seria acompanhado de um desenho, como se fosse uma capa, mas eles não estariam ilustrando o conteúdo dos poemas, a intenção é que se tornasse parceiro da escrita, a simbiose de linguagens diferentes.

O início da criação dos desenhos sucedeu da mesma forma que os poemas vieram à tona, rapidamente, vomitados quando desenhados. Uma vez finalizados os esquecia por um breve período, afim de em outro momento, os revisitar para potencializar à ideia. Esse processo de criação no início funcionou com meus desenhos, porém, com passar do tempo adquirir esse hábito, Aos poucos percebi que talvez eu precisasse de outra forma de pensar e realizar esta criação, poemas e desenhos digitais são linguagens artísticas distintas, foi por esse prisma que resolvi mudar minha concepção e amadurecer o pensamento

Acredito que o processo de autoconhecimento artístico é constante, foi o que me levou mudar meu procedimento de criação dos desenhos, levando em consideração o que sei a meu respeito, não conseguiria simplesmente deixar de visitar imediatamente os desenhos produzidos, por esse motivo modifiquei à abordagem de criação, não mais vomitada, e ao me distanciar, o procedimento se modificou, começava o desenho, logo em seguida modificava, se por ventura algum estímulo viesse à tona naquele momento. Sendo alguém extremamente visual sempre fui habitado por várias ideias concomitantes, fez com que não me contentasse e buscasse outros elementos para complementar ou retirar dos meus desenhos.

O processo de criação me acometia de tal forma que desenhava tudo de uma vez, logo em seguida deixando meus desenhos sem retoques imediatos, agora se dá de outra forma. A partir deste ponto, todos os desenhos têm retoques feitos no mesmo momento para maior

satisfação pessoal. Conhecendo-me bem, sei que não conseguiria simplesmente não consertar meu em desenhos digitais na mesma hora, principalmente por ser tão visual. Eu sempre tive várias referências e ideias paralelas e por isso sigo diversas linhas de pensamento e estilos variados por este motivo o processo foi diferente. Eu começava um desenho e logo em seguida o apagava, pois, não estava contente com o resultado parcial, buscava outros elementos para complementar, retirava outro.

Era uma constante mudança até chegar em um resultado, afinal, esses desenhos são minhas vivências narradas em imagens compõe a narrativa. Eram muito importantes para mim que ainda estou iniciando nesta linguagem visual, ficar contente com os primeiros resultados produzidos. Não eram apenas desenhos para ilustrar poemas, eram minhas escritas expressadas através das artes visuais, apresentando minhas vivências até o momento em que encontro com algo transformador e digo sem hesitar o Teatro.

Era de suma importância para mim, que estou ainda engatinhando nesta linguagem visual, ficar contente com o resultado que estava olhando, não apenas uma ilustração da poesia era eu escrevendo assim como expressando de outra forma, por meio de arte visual minhas vivências até o momento em que encontro algo que digo confiante, que é um fator transformador dentro dela, o Teatro.

3. O MOLEQUE RIZOMA

Deleuze e Guattari dentro de suas obras trazem um conceito da botânica, o rizoma. Em botânica, rizoma trata-se de raízes de árvores, mas não um tipo comum, raízes que não tem um sentido certo para crescer, nem direção, sua forma de desenvolvimento é entrelaçada e abstrata. Raízes também conhecidas por sua vasta extensão chegando a muitos metros de distância de seu núcleo principal.

O conceito desenvolvido por D&G amplia muito esta definição, justamente pelo fato de que o conceito na botânica não comporta a multiplicidade, se limitando a definir um tipo específico de caule. Para D&G, este tipo de caule em conjunto com a terra, o ar, animais, a ideia humana de solo, a árvore, e etc formariam o rizoma, não se limitando apenas à pura materialidade, mas também à imaterialidade de uma máquina abstrata que o arrasta, sendo, portanto, um conceito ao mesmo tempo ontológico e pragmático de análise. (CABRAL; BORGES, 2005, p. 2)

Através desse conceito, analiso e desenho minha vida como uma teia de fatos que ocorreram e ocorrem ao longo de minha vida, os quais me atravessam e compõe o ser que sou atualmente. Mesclando com a forma que me afetam desenhando meu próprio rizoma, não de uma forma sistemática com gráficos, mas envolvendo uma narrativa com base em ilustrações destes pontos de atravessamento ao longo da escrita.

Um rizoma é totalmente diferente deste primeiro tipo de linhas, o rizoma não é exato, mas um conjunto de elementos vagos, nômades, de malhas e não de classes: "Do ponto de vista do pathos, é a psicose e sobretudo a esquizofrenia que exprimem estas multiplicidades." (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 221).

Aprofundando-me nestes pontos que gradativamente serão ligados, trabalho com os pontos que vem desde a infância do moleque da forma que esse ser é afetado por esses fragmentos que o formam e partindo do começo da vida do mesmo, sigo percorrendo por esse corpo passando para sua pré adolescência e narrando todos os momentos que foram dados, alguns até literalmente, neste moleque e assim percorrendo todo esse corpo até a fase adulta ligando os pontos dados na própria pele e juntando este corpo marcado o constituindo a partir da ligação de seu rizoma.

Narro estes fatos de minha vida em formas de poemas trazendo minhas vivências mais significativas que me atravessam e constituem este emaranhado de acontecimentos. Não somente fatos, mas também minha essência como ser dentro da sociedade. De como é ser uma pessoa negra oriunda de bairro periférico afeta em minhas relações e aspectos pessoais. De que forma os pontos de essência de minha vida se ligam e causam atrito com a sociedade a qual pertenço, de que forma este corpo marginalizado sobrevive à esta sociedade problemática e

doente que o oprime, criminaliza e exclui corpos diferentes dentro dela, da maneira respinga principalmente nas minorias.

Qualquer ponto de rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. [...] O rizoma é distinto disso tudo, pois não fixa pontos nem ordens - há apenas linhas e trajetos de diversas semióticas, estados e coisas, e nada remete necessariamente a outra coisa. (CABRAL; BORGES, 2005, p. 3).

Partindo deste princípio, tracejo este rizoma constituído a partir do moleque e suas vivências.

O único pensamento que latejava em minha cabeça, era como eu iria colocar no papel essa narrativa desses acontecimentos. Certamente não queria simplesmente narrar da forma tradicional, apenas descrevendo, deixando no corpo do texto uma narração literal, palavra por palavra. Estava com grande bloqueio para isso, muito cansado para continuar escrevendo extensivos parágrafos. Eu queria me expressar de outra forma, dar espaço para à criatividade. Mesmo convicto que não queria só escrever, eu não sabia de qual forma iria inserir em minha pesquisa meu rizoma.

Nos livros de Deleuze e Guattari, os rizomas expostos são em forma de desenhos, como um mapa da vida de uma pessoa, mas, ao invés de países e locais, o que era ilustrado eram momentos e sentimentos daquele indivíduo. Apesar de achar a ideia genuinamente boa, eu não queria me ilustrar através de um mapa, era um distanciamento que eu não precisava ter.

Após passar semanas mergulhado na leitura de poemas encontrava-me com a cabeça inundada por toda pesquisa, sou tomado por um atravessamento intenso e tenho insight, minha cabeça se ilumina, sem dúvidas eu iria me expressar através de poemas. Assim, dando o devido espaço que cada ponto de meu rizoma precisa no corpo desta pesquisa.

Ao escrever, eu sentia que estava me expressando de corpo e alma. Era como começar a ler um diário que escrevi há muito tempo e terminar com fatos que aconteceram num passado próximo, estava tal qual livro aberto, apesar de me sentir despido ao escrever e ler tudo aquilo, meu coração acelerava em um misto de paz, prazer e felicidade. Era enorme sensação de borboletas em meu estômago, em nenhum momento quis mudar alguma coisa escrita ali, qualquer motivo que viesse em minha cabeça, por insegurança, logo os afastava, pois, sabia que aquilo era a forma que eu queria estar me expressando, sem medo, sem receios, sem amarras.

Do começo ao fim desta escrita dos poemas, tive meus altos e baixos, diversos questionamentos. Tive vergonha e medo de tudo que expunha para quem quisesse ver. No entanto esses sentimentos deram lugar à alegria, paz e autoconfiança. Na minha visão a escrita destes poemas me proporcionou mais amor próprio, pois nunca tinha retratado a mim mesmo de forma tão sincera e sensível, são poemas tão delicados e particulares que ao lembrar deles, a

maior sensação que tenho é de um coração aquecido de um artista que dia após dia se sente mais feliz por simplesmente ser ele mesmo.

Acredito que tudo tem sua razão de acontecer, não se trata simplesmente de destino, mas que os fatos pelos quais passamos durante nossa vida, reverberam de alguma forma mais latente dentro de nosso ser, alguns fatos soam com mais força na pessoa que estamos nos tornando, enquanto outros ficam quase adormecidos, porém, nunca em sono eterno.

Figura 1- Pequena Morada



Fonte: Victor Menezes (2020)

3.1 Pequena Morada

Periferia negra e crua das ruas de terra
Pedras e lixo que contornam teus limites
Corpos que correm todos os dias as tuas curvas estreitas
Senhora periferia,
Sentes os pés que a pisam todos os dias com pressa para chegar em casa
Os moleques que pulam e caem em teu chão sujo sem medo do viver
Corre, moleque aventureiro
Tens pouca idade, observa o que tens ao teu redor
E deixa rugir com o mais profundo de teus pulmões
Olha as pessoas, olho submerso nas águas profundas do olho das almas
Olhar marginal nas ruas estreitas,
Corpo pesado, valente, corpo duro que encara o sol de cada dia
Teu acesso afastado, teus lugares não regulares
O quanto tu és pisada, chão que tudo pisa, que todos pisamos
Caminhos abstratos, labirintos da vida
Alguns momentos és grande e larga,
Em outros não passas de um estreito beco difícil de correr
És tão desnivelada, te estranho ao ver
Paredes irregulares que dou de cara,
O corte de teu caminho
O sobe e desce de alguém que procura algo,
Tuas ruas parecem raízes de árvore, mas não um carvalho
E nem uma cerejeira
Mangueira podes ser, marmeleiro verde das frutas vermelhas
Confunde quem anda por tua extensão sem querer sair
Ou mesmo quando tentam dar adeus a ti
Nunca conseguem sair, tu és a essência
Essência de quem vive em ti
Que não tem porque voltar, pois não tem como sair
Tu pertences ao teu povo
E teu povo pertence à ti
És a mão que vai e volta,

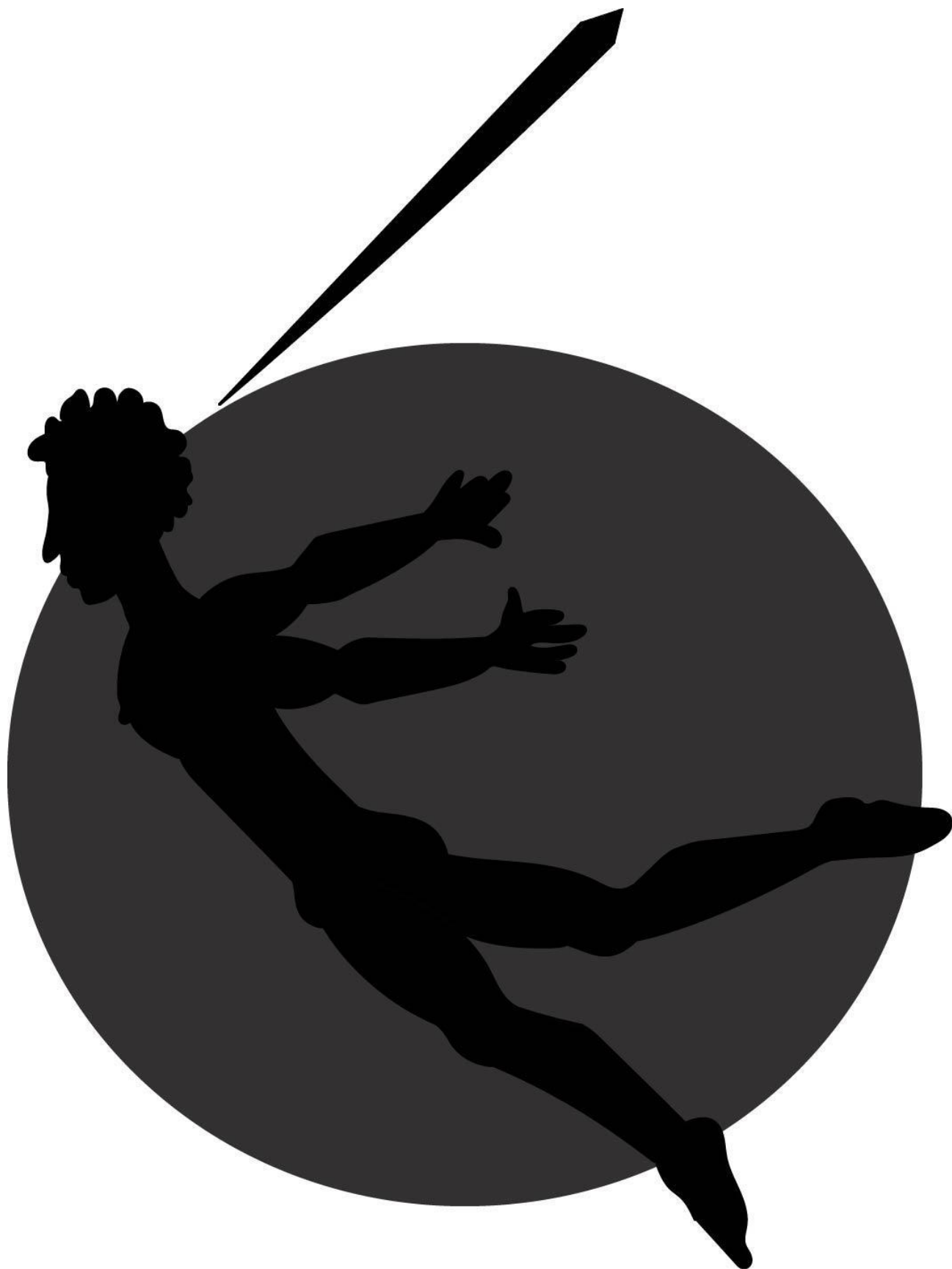
O aperto de mão entre perifa e marginal
Apertar, aperto de mão sem dó
Finca tuas unhas na pele
Sente tua dor, sente a dor do outro
A sensação do líquido quente escorrendo
É espesso, viscoso, de coloração rubra
Olha para a essência do teu companheiro e sente o entregar de sua alma
Toca e assim como a pele do outro, embebeda a tua com o líquido da essência
Sela o pacto de sangue com teus companheiros
Teus inimigos
Teus protegidos
Teus vizinhos de trás, da frente, de todos os lados
Respeita teu espaço
Ocupa o teu espaço
Vive a tua realidade
Olha para dentro,
Para dentro de ti e para eles
Eles que são sangue do teu sangue
Para sempre marcados
E sente orgulho da tua marca
Periférico, periferia, periférica
Quem tu deixas entrar em tua casa?
Tua casa pequena, modesta
Paredes finas e frágeis
Terreno pequeno, limitado
Porém, tua
Feita com tuas mãos
Com a força de teus braços
Coberta por pingos do teu suor
Não és perfeita
Mas é tua proteção
As paredes que te guardam e aguardam todos os dias
Com paredes de tijolos
Tipo corpo sem pele

Só os tijolos interiores à mostra, os órgãos
Uma estrutura pequena
Um corpo reduzido, apertado
Que não perde seu valor abriga
Teu tamanho surpreende
Pareces minúscula ao olhar do outros
Mas és forte e rigorosa com tuas paredes de concreto
Com teu chão duro e forte
Capaz de resistir a qualquer desastre que te possa acontecer
Casa, parede, teto e chão
Tu és resistente, tu és resistência
Te chamam de pequena, de minoria
Mas és tu a que abriga corpos
Corpos pretos.
O único abraço de proteção que esses corpos têm
És a rua, és a casa, és a proteção essencial que o cafuzo precisa
E no interior de tuas paredes estreitas tu abrigas
Todos os corpos em um lugar abarrotado por eles
Entra e sai por tuas portas e o barulho de pés circulando dentro de ti
Corpos apressados correndo com vigor por toda tua estrutura
Dentro de ti vivem
Abarrotados de sentimentos bons e ruins
Comem o alimento de seus espíritos
Bebem até transbordar energia
Descansam suas cabeças e sonham com o futuro
Se entrelaçam
Se amam
Fazem amor
Transformam-se a cada dia que passa
E lutam,
Teu povo luta todos os dias ao sair de dentro de ti
Dos teus braços maternos, tão aconchegantes
Mas é preciso sair, para ir atrás de mais
Dominar os espaços em que não existem

Ou pensam não existir
E lutar com garras afiadas e dentes fortes
Para ocupar seus espaços, se fizerem presentes até seu último suspirar
É lutar para dizer que não pertencem só a um lugar
Não deixar que os outros prendam os corpos em uma jaula
Lutar pelo seu espaço sabendo que o seu lugar de paz é dentro de ti
Corpos marginalizados que lutam dentro e fora
Mas é em ti que o marginalizado descansa corpo e alma
É nos teus braços que teu povo tem o último pensamento de seu dia
Adormecer pensando no dia de amanhã
É no anoitecer que tu passas a transbordar
Borbulhas os sentimentos de teus filhos
Transborda de energia e presença os pecados da tua noite mais escura
A força da brutalidade que anda por tuas ruas
O crime e o ódio andando juntos
Ver teus filhos sendo corrompidos pela ira
Espalhando sangue quente por esquinas frias
Misturando sangue fervente com suor frio de uma noite escura
A noite sem lei
Devorados vivos pela ganância
Vendo o crime da carne, os corpos entrando em contato
Fricção de peles marcadas pela criminalidade
Reconhecer a rua em que vives e adentrá-la
Ver a descida longa que precisas caminhar
E descer rapidamente
Ver as caras dos conhecidos
Reconhecer o chão que tu pisas todos os dias
Ver tua casa, teu espaço
Se sentir mais aliviado por saber que aquele é teu lugar
Árvores que cobrem a fachada da tua casa
Não é um castelo, não é enfeitado
É um lugar simples
A humildade do lugar
O alívio de estar em quatro paredes

Paredes mal acabadas, sem máscaras
Voltar para casa e olhar nos olhos da tua gente
Lidar com eles e observar as diferenças
As paredes do lugar, tijolos sem reboco
O chão não é bonito, mas tem gente que pisa
Dificuldades presentes, a sobrevivência é contínua
As pessoas que te rodeiam começam um novo dia
E tudo se repete
Acordar cedo e por os pés na rua
Sair correndo atrás de um futuro
Atrás da tua felicidade
Batalhar pelo pão de todos os dias
Ocupar teu espaço e fazer a diferença
Ser marcado por aqueles que não te querem
E ser amado pelos companheiros
Hoje talvez não consigas tudo o que almejas
Mas amanhã terás mais a alcançar
Pisa no teu chão com orgulho
Sente a energia presente no lugar e transborda
Transborda a tua vivência sem medo de mostrar quem tu és
Não te preocupas com os outros
Não deixa a podridão te corromper
Lembra que aquele lugar está em ti, nas tuas entranhas e te orgulha disso
Olha na cara das pessoas que tu amas e sorri, elas conquistam coisas todos os dias ao teu lado
E sorri para aqueles que batalham contigo, pois assim como tu, eles sobrevivem.
Cada dia mais fortes.

Figura 2 - Casa Gaiola



Fonte: Victor Menezes (2020)

3.2 FAMÍLIA: Casa gaiola

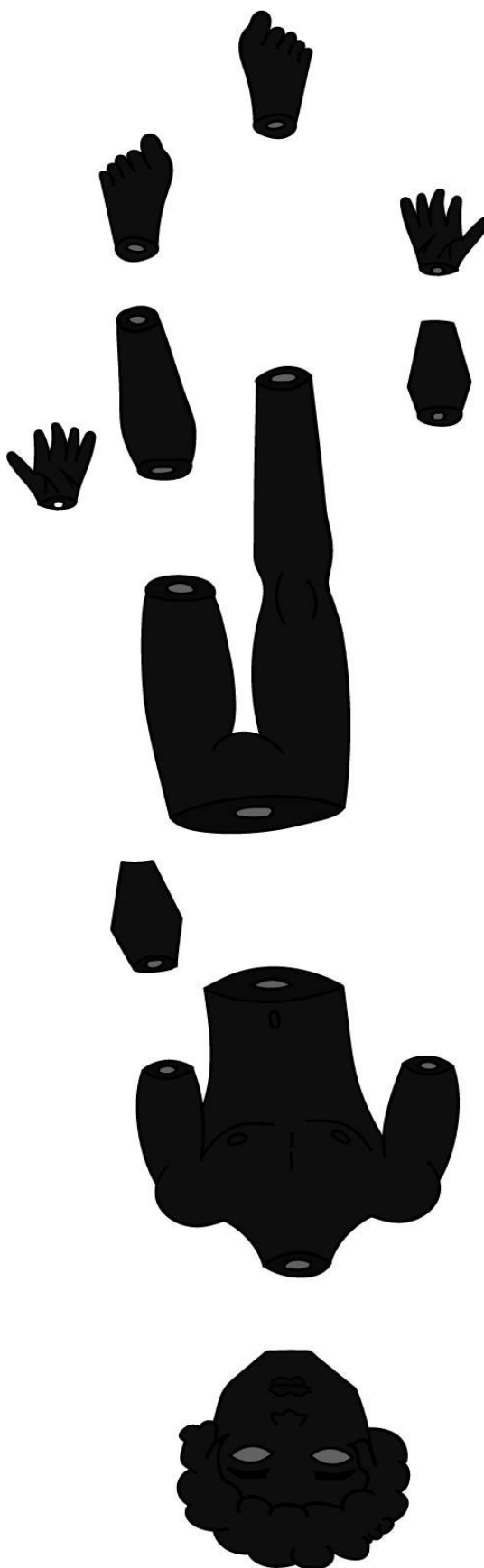
Família, laços de corpo e sangue
És o primeiro contato de um cidadão
Ser que nasce, primeira respiração, família
O vínculo mais forte, as mesmas entranhas
Laço que cura, abraço humano, pele que esquentava uma a outra
Seres distintos, juntos, vinculados por algo maior
Diga família, quem bem é este que tanto faz?
Até que etapa da vida consegues ser o abraço de cura?
Qual o prazo de validade para este vínculo mágico do teu convívio?
Por muito tempo pensei, martela em minha cabeça esta inquietação
Existe um momento em que família não é família?
Família minha que carrega ansiedade
Dores e pensamentos
O momento de transição de um peixe que se encontra fora d'água
Uma mente perturbada quem não sabe o que fazer
Uma dor desesperada de não ter para onde correr
A explosão de pensamentos ruins emaranhados dentro de uma cabeça
Cabeça sem experiência, sem muita vivência
Talvez para alguns seja mais fácil estar no olho do furacão
Mas para aquele ser não
Eu, ser, minha dor, minhas memórias
As memórias infinitas de uma criança chocada
Em choque com a avalanche de porcarias que testemunha
O ar trazendo em seus fortes ventos as palavras e atitudes de alguém em fúria
Testemunha ocular de fúria. Criança.
Que têm o coração que a cada palavra proferida tem batimentos mais rápidos
E pouco a pouco sente o corpo inteiro se agitar mesmo estando parado
A pele que arrepia respondendo ao medo de que essa tempestade realmente caia
O corpo que treme, olhando para a pele, quase não se percebe a tremedeira
E começo a negar, tremer não é uma opção
Infelizmente, é.
Movimentos involuntários que dominam um ser de dentro para fora

Mostrando sua fraqueza sem poder mentir, sem camuflar sua vergonha
O garoto que enxerga tudo que acontece na pequena atmosfera que vive
O corpo hipersensível
Que sente como um todo o ambiente em que vive
Sente a fúria das pessoas em sua volta
Ele sente aquela dor, sente em todo seu interior o sabor amargo de viver ali
E deseja sair de lá a qualquer custo, está cansado
Como pode uma criança querer fugir para o nada
As pernas falham, mas a cabeça está correndo
Correndo daquele lugar
Onde parece não ser bem-vindo. Nada se não adultos no ápice de sua raiva
Grita, grita com suas forças
Pede para que aquela tortura acabe
Que eles apenas parem.
“Por que não posso viver em um lugar bom? Em um lugar melhor?”
A tortura de viver em um lugar onde todos te julgam
Espaço que todos brigam para poder serem escutados
O grito de um convívio violento
De uma realidade distorcida
Socos e gritos que em momento dizem coisas
Mas em outros, nada. Só socos e gritos
A pressão de não poder sair desta turbulência
Tentar se opor
O sentimento de falha que segue logo após uma tentativa falha
Ninguém escuta, ninguém tenta escutar
E as palavras ficam presas eternamente em minha garganta
De mãos amarradas
Pernas presas
Olhos vendados
E boca amordaçada
Sinto-me refém
Refém de família
Os laços agora usados para amarrar e calar-me
Bloqueado, inerte, sem ao menos sussurrar

O barulho que o silêncio em si traz
E o desistir de um ser que só quer paz
Nadar contra aquela onde está fora de cogitação
E lá permanece, sem força, sem voz, sem corpo
Sem sinal algum de vida, apenas os olhos acompanhando aquele furacão
Aceita tudo calado, qual outra opção teria?
Nenhuma!
Engole seco o amargo sabor do conformismo
Garotinho que pensa ter força
Bobo. Inanimado.
O impotente.
Brincando de ser herói de sua história
Criança, heróis têm força
Cria coragem para dar um fim nisto
Sem êxito
Nada além de grossas lágrimas despencando por seu rosto
Mas a vontade de para não se vai
Ela se faz presente e em um único impulso
O grito mais forte ecoa por sua garganta
Nada? Nada aconteceu...
Seus pensamentos desesperados o levam a gritar inúmeras vezes
Com a esperança de que aquilo irá passar
Tudo o que consegue são palavras proferidas pelos outros
O que podes fazer é esperar
Espera teu pequeno corpo crescer
Espera os músculos virem
A força de vontade de alguém em um beco sem saída
A única saída é a si mesmo
Criança esperando o amanhã
Futuro que traz força, esperança
Cresce e vira uma grande muralha de força
Protege teus amados
Sendo a essência que faz a diferença
Pássaro negro das asas gigantes e protetoras

Rodeia aqueles que fazem mal ao teus semelhantes
Desenvolve o plano de ataque e executa-o
Arquiteta a defesa e traz para perto aqueles que precisam de tua proteção
Compartilha o amor que tens
Grande agora vem com a calma
Destrói o furacão
Afasta as nuvens pesadas para longe daqui
Dar o melhor que puder
“Para que meu amanhã seja melhor que o hoje”
Necessito vencer o furacão.
Passar pela tempestade, mesmo que severamente machucado
É preciso mudar
Crescer, desenvolver, aperfeiçoar a si mesmo
Para assim o grande eu viver sem medos
E corajosamente encarar o grande amanhã de cabeça erguida

Figura 3 - Queda Livre



Fonte: Victor Menezes (2020)

3.3 QUEDA LIVRE

Segunda porta da vida

A saída da periferia, entrada do novo mundo

O medo de sair do útero de sua existência

Garoto sozinho se joga de cabeça

Queda livre

Pousar em uma realidade abstrata

Longas horas, diferentes caminhos

A dolorosa sensação de adentrar o desconhecido

Rosto, caras, caretas

Tirado do ventre de sua realidade, partindo para uma segunda vida

Caminho cansativo, faces estranhas, amedrontado pela sociedade

O primeiro contato, perdido

Estar cego de olhos abertos

Fortes batidas, o coração pulsando

Ansiedade do desconhecido

Passos profundos que ansiosamente vão de encontro a um novo caminho

Caminho escolhido para si

Aventurando-se em novos caminhos, engole saliva, enxuga as mãos suadas

Nervosismo que consome, corpo tremendo rasgando a pele

Nuvens cheias de dúvidas rondando sua cabeça

Perguntas estourando dentro de si como trovões

Escolha já feita

Desde cedo aprende a não voltar atrás

Caminho sem volta, escolha própria

Enfrentar aquele espaço, pessoas desconhecidas

Uma metralhadora de coisas novas invadindo seu ser

Formas, ideias, pessoas, pensamentos, lugares, sons

Com toda força atropelando-o sem dó

A perda do controle

O que fazer com toda essa informação

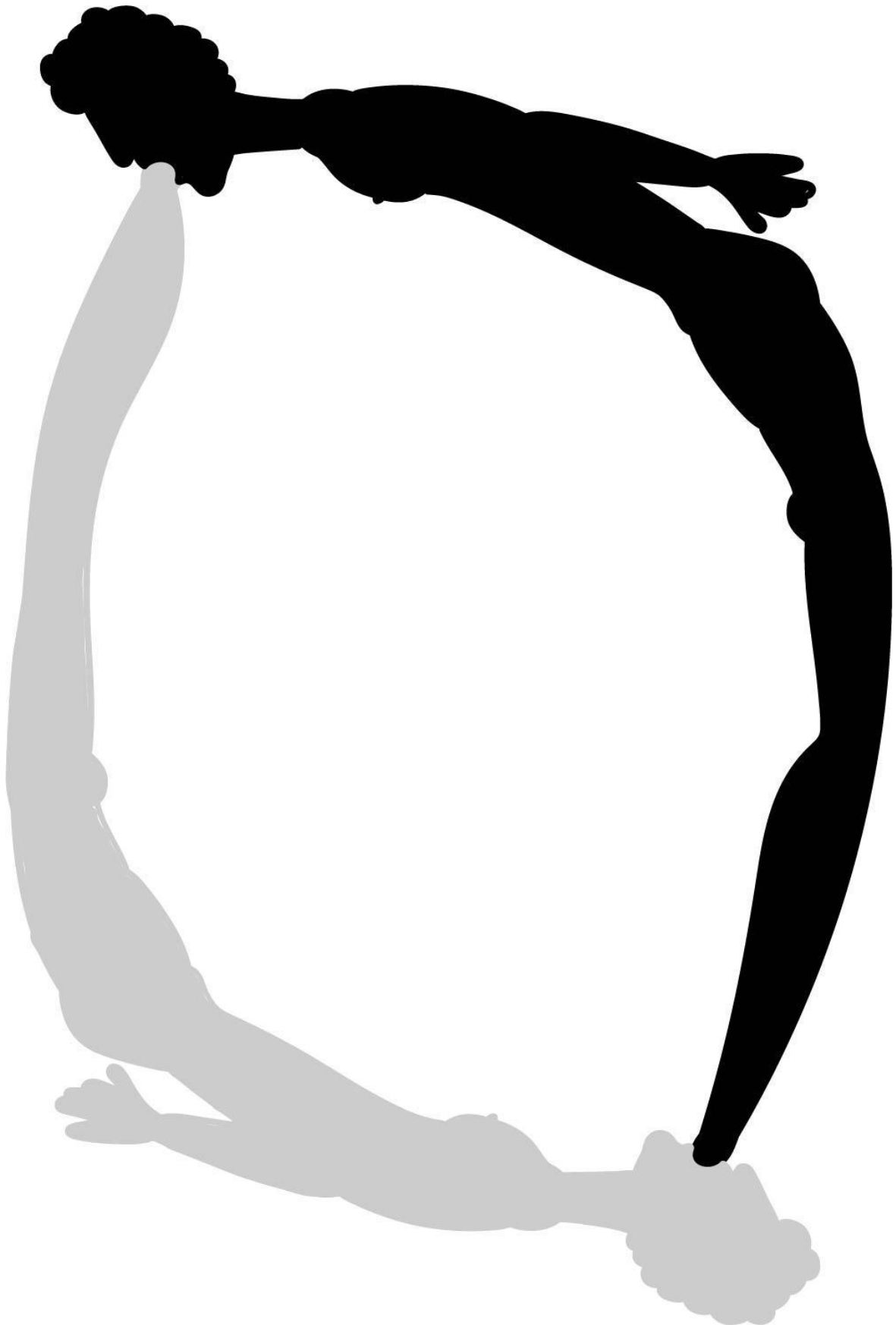
O nó na garganta aumentando

Vivendo no mundo das “pessoas ricas”

Sempre me foi dito que rico não presta
Ricos são cruéis
Sou um nada, nada sou
Não. Eu sou eu.
Recusar me curvar é a única opção
Reparo em mim
O mais pobre talvez seja
O mais preto, sem dúvidas serei eu
Talvez seja um peixe fora d'água
Talvez não seja meu lugar
Quem sabe sonhar seja para poucos, realmente
Bobo fui em pensar em uma vida diferente
O que é para ser já está traçado, preciso continuar como sou, seguir em frente
Por que seria meu lugar se sou o único diferente?
Estar fora da zona de conforto sufoca
Lugar estranho que jamais foi falado
Zona tóxica inexplorada
Sinto a cortina de gás que suga minha existência
Espaço não desbravado por alguém diferente
Lugar de caricaturas
Todos gêmeos idênticos, saídos do mesmo ventre
Esbarra em um, esbarra em outro
Dando de cara com pessoas estranhas não semelhantes a mim
Por que diabos aqui? Por que escolhi?
Agora é tarde demais para desistir
Todos caricatos, o padrão a se seguir
Não pareço com eles
Não sou eu o padrão
Moleque vagabundo, sai desse lugar que não é teu
Não passas de intruso, parasita para quem pertence a sociedade
A alta, alta, gigante sociedade
És lixo periférico, intruso
Te iguala, ao menos busca ser
Te torna o que precisas ser para estar aqui
Te monta como um quebra cabeça até virar uma parte perfeita do jogo

Age como eles, seja como eles, atua como eles
É o preço que se paga por não desistir de um lugar que não é teu
Alto, fino, branco
Torna-te parte disso se camuflando entre a multidão
Não instiga as caricaturas, não chame atenção
Apenas se igualar, ser mais um de um milhão
Faz o impossível!
Por que ainda não estás igual?
Tirar essa pele escura e cobrir-se com o manto dos donos da sociedade
Couro de cobra
Embebeda no veneno e aprende a conviver
É o que os grandes querem
Governar sozinhos
Todos iguais, marionetes de si próprios
Nada tão bom quanto ser a grande sociedade e viver sem diferenças
Uma peça que não se encaixe acaba com um jogo todo
O padrão precisa está no controle, guiando o jogo da vida
Controlando os papéis verdes
E estampando os grandes meios
Rostos familiares, iguais, cópias perfeitas
Caricaturas de séculos e séculos onde ser assim predomina
Pisando no menor diferente
Para manter tudo em ordem sem dar brecha para um estranho entrar
Gritando e se opondo à entrada de alguma peça fora do jogo
E se entrar, o tabuleiro enfurece
Ferve de ódio descontroladamente em busca de uma solução para o problema
Problema desprezível, encardido, não padrão
É impossível se igualar
Tenta, tenta, tenta, mas falhará
Não és digno, és resto de lixo
Não é teu lugar buscar algo mais
Não é direito do teu povo sonhar com o futuro, aprender algo novo
Porque tu és o que és
Lixo periférico
O medo da “alta” sociedade

Figura 4 - Cérebro Combustão



Fonte: Victor Menezes (2020)

3.4 CÉREBRO COMBUSTÃO

Mente tormenta

Cérebro vomitante

Vomita questionamento, vomita sentimento

A mente celeste em perfeita combustão

Queima a carne, queima a cabeça

Cabeça repleta de magma

Viscoso, escaldante, com cheiro de cinzas

Laranja cintilante, fogo torturante

Que flui pelas trincheiras do cérebro

Correndo fugazmente

Percorrendo seus caminhos estreitos

Lutando em busca de uma saída

Uma luz no fim do túnel para poder jorrar

Jorrar o mais alto que puder

Se espalhando por quilômetros de distância

Invadindo toda a atmosfera e inundando-a com seus anseios

Saltando do topo da mente como uma grande erupção

O ápice de uma mente perturbada

Se explode em mil pedaços para denunciar os males de seus pensamentos

Mente vomitante que escorre pelo corpo

Formigando em busca daquilo que mais necessita

Conhecimento

Sabedoria para entender a si mesma

Parar de doer e passar a agir

O homem garoto que não se conhece

Vontade de arrancar a cabeça fora

Para parar de pensar, parar de sentir

Travado em seu próprio corpo

Sendo escravo de si mesmo

Dia após dia

Um verdadeiro lutador, lutador da mente

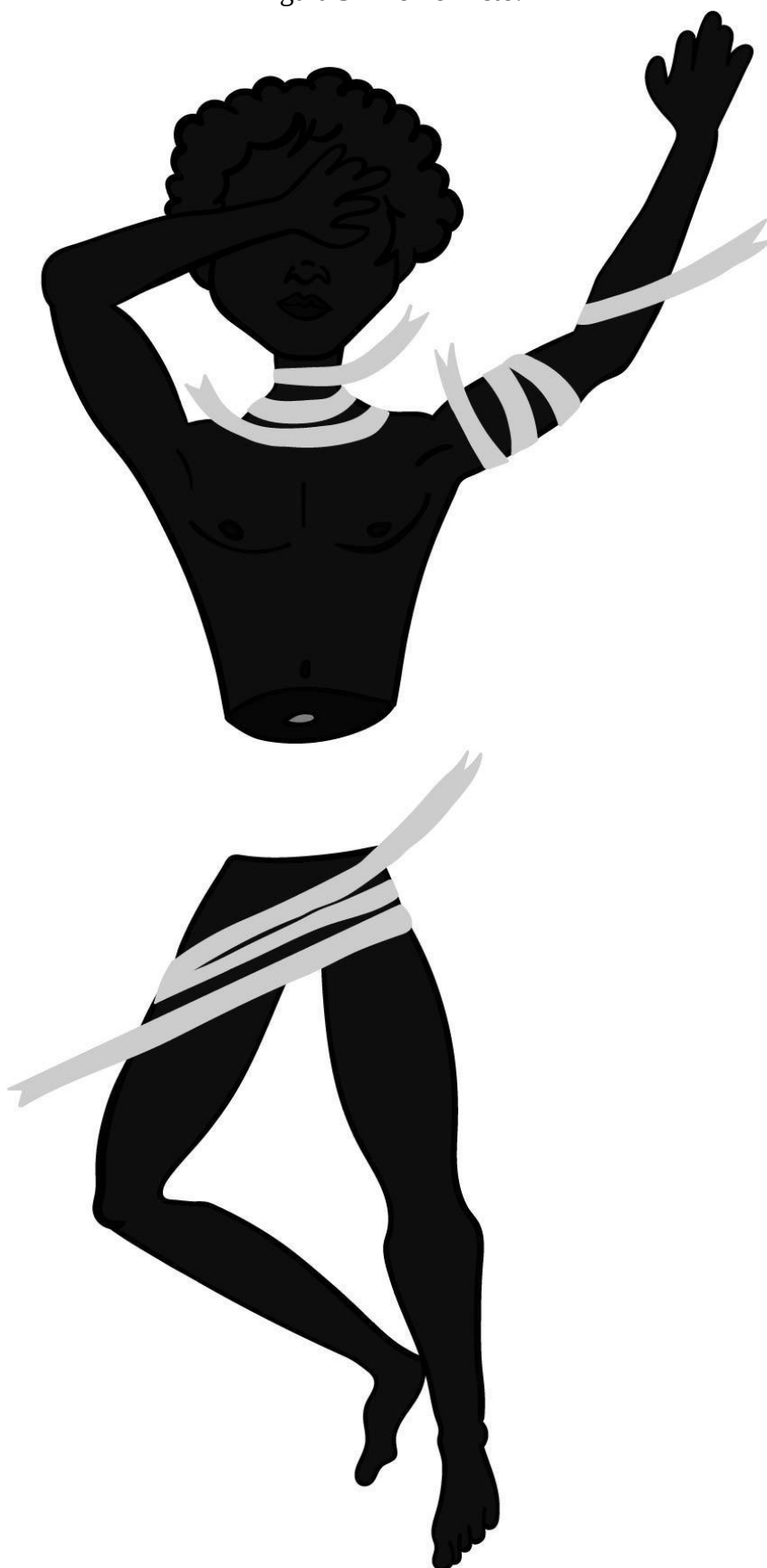
E sua batalha mais épica é contra o adversário que mais o conhece

Ele mesmo

Homem que não sabe o que pensar, como pensar
Que submerge em seu interior para pensar em si, sem êxito
A busca mais difícil que faz é a busca por si mesmo em si mesmo
Percorre ruas, praças e galáxias
Nada rios e mares tentando se encontrar
E aliviar seus batimentos
Descanso para seu peito cansado que desfalece em incertezas
Definha tentando encontrar sua verdade
Pés cansados, doloridos
Caminhou uma maratona no seu eu
Correu por lugares escuros, passeou por ambientes desconhecidos
Entrou na mata fechada e não enxergou luz alguma
Tropeçou em cobranças
Caiu de joelhos em opressões
Deslizou pelo chão machucando sua pele
Está cego
Não consegue enxergar a si mesmo
Não se define, não se compreende
“O que vou fazer?”
Que merda de vida, o que queres de mim
O ápice da loucura, cego por pensamentos obscuros
Sem ter para onde correr, homem
Derrotado
Olhando para a epiderme marcada, manchada
Centrado em si, buscando se ver
Decifrando célula por célula
Amando se odiando
Simplesmente confuso
Por vezes boiando sem procurar pontos de interrogação
Outras, saliva em busca de exclamações para cada interrogação sua
Raras são às vezes em que pode desfrutar de uma exclamação
Anda tão apressado em busca de tudo tão grande
Esquece de comemorar suas pequenas vitórias
Pensa tão amplamente em se descobrir que não repara em pequenos detalhes

Detalhes essenciais para ti, homem
Poupa todos os sentidos do teu corpo, um de cada vez
Não segue ordem
Tira um pouco da cabeça
Não assume tudo de uma vez
Percorre o caminho saudável, o teu caminho
Nada resolve de uma vez, não é dono do cosmos
Mas és dono de ti
Assume o controle pouco a pouco
Atravessa essa chuva de asteroides
De rocha em rocha
Se saíres ileso, comemora
Mas se conquistar alguns ferimentos comemora
Foca em pequenas conquistas
Pois estás vivo para lutar mais um dia
Flui pelo espaço admirando-o
Decifra aos poucos todo o universo
Pois universo tu és, necessita ser
O teu próprio
Voa pela tua imensidão sentindo cada pedaço
Sente o si
Sente teu corpo hipersensível e entra em conexão com ele
Marca cada parte da tua trajetória e sente orgulho
Cada passo dado fez tu chegar onde está
Segue teu rumo, mesmo com dúvidas
É tua hora de descobrir
Traça a constante linha do conhecimento do si
Aos poucos tu, homem quebra-cabeça, acende tua luz
Expande teu corpo
Te torna o astro maior
Fica gigante mais e mais
Até dividir em partículas do teu ser
Pois tu és poeira cósmica
E poeira cósmica é o mundo

Figura 5 - Homo Preto.



Fonte: Victor Menezes (2020)

3.5 HOMO PRETO

Olhos negros, (im)penetráveis

Boca rosada, macia ao toque

Sorriso contrastante

Contraste com a pele negra

Corpo que cresce, corpo amadurecido

Entrando no mundo, mergulhando de cabeça

A transição

O corpo transita. Corpo criança agora corpo adulto

Corpo que estranha

Estranho a si mesmo

Pergunta!

Perguntas?

Sexualidade

O ignorante homem criança

Parece desconhecer seu corpo

“O que acontece agora? Este corpo não é mais o mesmo”

Por completo, o olho não é

O olhar não é o mesmo

Agora outros horizontes deseja

Desejo por sabores diferentes. Cheiros diferentes.

O quão diferentes estes corpos seriam?

“Por que só agora?

Jovem corpo borbulhante de pensamentos.

Dúvidas cravadas em seu ser.

Bom, ruim

Ir, não ir

Falar, não falar

Pensar, não pensar

Pecado?

A carne que peca

O medo da sociedade

O medo que um dia já foi tantas outras coisas

Agora agrega mais uma
O despertar do ódio
Ser odiado pela sociedade
“Dar motivos”
O preto que agora não é só mais preto
Ou pobre
Ou periférico
Agora também é homo
Preto homo
Homem preto que ama homens.
“Não basta ser apenas preto”
Pérola negra que ama nas margens da sociedade
O pecado de amar e a condenação do homem
A flor negra, ninguém ousa cheirar.
Condenada a viver em um mundo obscuro por ser escura
Ninguém aprecia, condenada pelo olhar dos outros
Nenhum raio de sol que possa bater em tuas pétalas
Apenas concreto em tua volta
Paredes que gritam “bicha, preta”
Teu lugar parece não ser o jardim colorido
Retira tuas raízes do chão e corre para um canto qualquer
Não te apreciam!
Eles dizem que tu representas o pior
Marcada pela cor, pelo teu lugar, tua orientação
Ninguém se identifica, ninguém consegue te olhar
Recolhe todas as tuas pétalas espalhadas pelo jardim e desaparece deste lugar
“Este lugar não te pertence”
A amargura e a solidão daquele que não é bem visto
A vitória daqueles que odeiam
Um ser amante sendo destruído pelo ser que odeia
Odeia e mata arrancando suas pétalas uma por uma
Os olhos que queimam
Os lábios que gritam horrores
O certo que pensa está errado

A manipulação da grande massa
Preto, preto, preto
Homo, homo, homo
Homem que ama homens
Como é estar em teu lugar, homem?
Sendo incriminado por tudo o que tu és
Ter tua essência massacrada por aqueles que dizem está sempre certos
Ser despedaçado todos os dias por sem quem és
Ser apedrejado por ser fiel aquilo que és
Ter a coragem de assumir para si mesmo o que és
E lutar todos os dias pelos teus ideais
E se orgulhar disso
Saber que não és uma erva daninha que corrompe o jardim
Não ser dominado pelas flechas de ódio dadas por aqueles que julgam
Cuspir o veneno colocado em sua boca
Sobrevives mais um dia
Para recomeçar mais um dia
Sentir o ar invadindo seus pulmões
A vida segue, o coração pulsa
O sangue correndo em tuas veias
Erguendo o corpo em busca do futuro
De um lugar melhor
O grito que rasga garganta
Gosto de metal que invade sua boca
Tosse que expulsa os males que tentam entrar em seu corpo
És teu próprio antídoto
Contra esta sociedade corrompida pelo ódio
Teu grito que almeja igualdade
Tu és esse grito
Cospe na cara o orgulho que tens em teu ser
Tu és necessário
A carne preta do mercado é a mais barata
Tuas feridas abertas contam o contrário
Bicha não é gente

Teu amor seca a garganta dos que o maldizem
E tua respiração ensurdece aqueles que te querem mal
Teu sorriso incomoda
Teu olhar rasga
Teu corpo que explode amor
Explosão por amar
Não sentes vergonha de sentir, não sentes medo do tocar
O ser sem vergonha
Sem vergonha de amar
E amas, amas como se hoje fosse o fim do mundo
Sente o afeto eletrocutar tua alma
As mãos grossas que passam pelo corpo desnudo
Choque de pele com pele
A fricção de fazer amor
O contato da pele do outro com a sua, o delirar, o sentir muito
Sentir cada célula ofegante, respiração quente
O corpo febril em movimentos frenéticos
A conexão de dois corpos em um ritual sagrado
A troca de energias diferentes
Que de tão diferentes se tornam exatamente iguais
Sentir a necessidade de mais contato e deslizar pela pele suada do outro
Em busca de aconchego e paz
Em busca de guerra e caos
Dois corpos sensíveis em um ritual de paixão
Corpos tímidos que se dilatam em busca de prazer
Prazer mútuo que consome ambos
O deflorar das energias
Furação que ronda entrelaçando a aura daqueles que praticam amor
E bagunça com todas as forças
Conectando um ao outro os transformando em um só
Inundados de sentimentos e sensações
Correndo desnudos para o céu do delírio
Sons que saltam de suas gargantas ilustrando suas sensações
Pele arrepiada, suor quente que desliza em uma dança pela extensão de seu corpo

O cansaço que toma conta de seu ser
A força descomunal usada, mente e corpo que se unem em um deleite único
O mundo passando diante de sua alma
O sentidos aguçados, o corpo em prontidão
A brisa beijando a pele
As gotas de chuva que beliscam o rosto
Mente galáxia
Estrelas explodindo cegando meus olhos
Anjos sussurrando poesias em meus ouvidos
E eu sinto que o mundo é meu
Abrindo os olhos vejo o céu estrelado
E me sinto em queda livre
Sem saber onde parar, sem nem menos questionar
Sentindo o momento sem culpa, sem amarras
Um ser livre, por um pequeno momento
Correndo no céu atrás do arco-íris
Procurando seu momento, seu tempo
Seu novo mundo
Onde ser livre seja a lei
Onde o sol e a lua sejam os seres a comandar
Onde todos são estrelas cadentes que deslizam pela imensidão
Sem medo ou receio
A explosão do cosmo
Bater do coração borbulhante de magma
Magma que queima de dentro para fora
Perfurando a pele e escorrendo pelo canto da boca
Encontrando com o sangue e purificando o ser
Libertando-o.

4. EXPERIMENTAÇÃO CÊNICA: PEDAÇOS DE MOLEQUE

Sou feito de pedaços, pedaços os quais um a um deles se encaixam complementarmente, cada parte do meu eu conta uma das muitas histórias que já tive. Tal como brincadeira de criança, onde ela passa horas e horas buscando cada uma das peças para então, montar sua grande obra de arte, o resultado final que é a junção de cada uma daquelas peças, o grande quebra cabeça. Nesta analogia eu sou o criador assim como a obra, sou a criança que bate cabeça por horas buscando chegar a seu objetivo, o qual também faço parte. Sou o quebra cabeça montado. Sozinho faço os dois papéis, porém, na vida real, constituir a mim mesmo não é uma tarefa simples. O trajeto para meu desenvolvimento pessoa foi lento e repleto de surpresas, dessa maneira me desenvolvi, aprendendo na hora com os meus erros. Cada passo dado dentro de minha vivência se transformava em fragmento, ou ao menos contribuiu para a formação de um. Outros passos me surpreendiam com mais de de uma fração e isso assusta, assusta até hoje.

A descoberta desses fragmentos, das peças de meu quebra-cabeça não era a única parte deste processo. Eu tinha que descobrir como juntá-las uma por uma. Assim, fui aprendendo na prática como fazê-lo. Peça por peça, fui diligentemente conseguindo construir este quebra-cabeça por conseguinte, pude compreendê-lo melhor, pude enxergar com mais propriedade. Isso não quer dizer que ele está completo, afinal, não se trata literalmente de um brinquedo de montar, e sim a formação de um ser humano o qual se transforma diariamente, na constante colheita de seus pedaços espalhados em sua vida. A partir destes conceitos de pedaços, fragmentos e linhas que se conectam, assim como um rizoma crio minha cena. Por meio dela me coloco como único ator, usando elementos de iluminação e Teatro de Animação para contar uma história, a minha história.

Resgatando memórias de minha infância, lembro-me das vezes em que a luz elétrica se ausentava, eventos como este sempre dava espaço para um “EEEEEEH”, vindo de meus vizinhos e conhecidos da minha rua. Eu como criança achava ruim, pois sabia que dentro de algumas horas começaria a fazer muito calor e os carapanãs não nos deixariam descansar. Era sempre assim, todos nós reunidos em algum ambiente da casa, normalmente a sala, o maior cômodo da casa, e lá eu e minha família ficávamos a conversar sobre diversas coisas. Enquanto era criança sempre fazia o papel de ouvinte, ficava apenas prestando atenção na conversa dos adultos, mas não por muito tempo. Criança perto de vela só pode resultar em duas coisas: queimaduras, não posso negar, já tive algumas! Ou, brincadeira com sombras.

Era automático a forma que as velas tinham o poder de me hipnotizar, eu ficava face a face com elas até me perder naquelas cores estonteantes que faziam esquecer tudo à minha volta. Sensação muito intensa me atravessava todas às vezes em que ficava encarando o fogo, era como mergulhar no azul piscina, no entanto, a cor era amarela ou laranja. Não era como mergulhar na água, era um mergulho em um mar de lava, proporcionando a sensação quente e aconchegante a qual me inebriava me fazendo perder a consciência de espaço por algum tempo.

Ao voltar para a realidade, eu me via brincando com sombras Não conseguia resistir, adorava brincar na frente das velas e usar minha imaginação vendo todas aquelas imagens projetadas na parede. Desde aquele tempo eu brincava com o teatro, o teatro de sombras que fazia para mim mesmo nas paredes da minha casa.

Obviamente eu era sempre repreendido, sempre existiu entre os membros da minha família a superstição a respeito de brincadeiras com as sombras, para eles era algo sombrio ou perturbador. Como fantasmas que aparecem nas paredes e assombram desta forma, frequentemente repetiam que essa brincadeira atraía maus agouros para mim e pra quem vivia comigo. Outros diziam que as sombras viriam perturbar em meu sono, invadindo meus sonhos e me assombrando ou me levando para outro lugar bem distante da minha família enquanto dormia. Sempre tive medo desses contos e mesmo com medo, eu não resistia e logo depois de ter parado de brincar com sombras, em instantes voltava.

O que eu mais gostava era a movimentação das sombras, a forma com a qual elas se mexiam e se projetavam nas paredes eram fascinantes. Eu conseguia projetar meu corpo da forma que quisesse e do tamanho que desejasse, eu me sentia poderoso olhando minha sombra do tamanho da parede de minha casa. Poderia acender quantas velas fossem para criar um exército de pessoas de todas as formas e tamanhos, não era simplesmente um exército, era um batalhão de sombras que se misturavam em uma dança abstrata. Não segue orientação ou regra, é a mente do ator transportando seu corpo e movimentos para um estado de desorientação dentro da cena sem seguir roteiro à risca, experimentando e presenciando suas ações em cena.

O que caracteriza o pensamento criativo é justamente o seu fluir por saltos, por meio de uma desorientação repentina, que o obriga a reorganizar-se de uma nova maneira, abandonando a casca bem ordenada. É o *pensamento-em-vida*, não retilíneo, não homogêneo. (BARBA, 2009. p. 141)

Contagiado por essa sensação nostálgica, trago para minha experimentação cênica o Teatro de sombras, escolho essa modalidade de teatro no início de minha experimentação, o começo, que simboliza O início de mim, a visão que uma criança tem de si mesma no futuro, na fase adulta, os pensamentos de uma criança imaginando o amanhã onde se tornaria um homem imenso, potente, um adulto que se expande igual uma sombra projetada, que se envolve em uma dança de mil sombras onde ele pode ser todas elas, juntando-as e virando um ser imenso ou sendo somente ele mesmo com seu corpo se entrelaçando com todas elas nessa partitura corporal hipnotizante.

Minha poética para esta experimentação não fala apenas de infância, lembranças e nostalgias, aborda também a dolorosa fase adulta, o amadurecimento e toda a representação que ela exerce no corpo de um homem negro na sociedade em que este indivíduo se encontra. Trago todos os sentimentos viscerais que me atravessaram e me atravessam diante desta fase de minha vida, essa parte fala muito sobre mim dentro desta experimentação cênica, pois se trata da fase em que me encontro ao apresentá-la esse momento é um processo em que vivi e continuo vivendo.

Neste processo de amadurecimento, diferente da infância, onde não temos filtro ou mesmo uma censura interna, na fase de amadurecimento, tudo isso aparece em vários momentos de nosso cotidiano, onde passamos a nos policiar sobre diversas vezes a respeito de todos os assuntos que passam por nós. Quando esperamos, estamos usando máscaras sociais. Usar máscaras sociais é como interpretar um personagem, em cada lugar que você vá, mudando cada um desses personagens sempre que encontra um grupo social de pessoas. É como se a vida fosse uma grande casa e dentro dela existissem inúmeros quartos, ao andar pelos corredores, vagando, e a cada quarto que eu entro, uma máscara diferente preciso colocar, pois, pessoas diferentes vivem dentro de cada quarto e nem sempre uma de minhas máscaras irá agradar.

Dessa maneira sinto que vivo em muitos momentos da vida, alguém que por diversos motivos precisa desempenhar diversos papéis para poder sobreviver e continuar vagando pelos corredores desta grande casa. É inevitável utilizar estas máscaras em nossas vidas, porém, é preciso ter consciência de tais, pois, apesar de ser cotidiano na vida de um indivíduo, é uma faca de dois gumes, essa prática em sua pior forma consome de dentro para fora o ser humano o fazendo permanecer em círculo vicioso onde o mais afetado é o próprio. Usar essas máscaras é uma prática comum para o convívio social, mas tudo tem dois lados.

Essa é a vivência que minha máscara representa dentro de minha experimentação cênica, é a narrativa de um homem que experienciou os dois gumes. Ao utilizar estes personagens em dois processos dentro de sua trajetória. Começando com um adolescente extremamente inseguro de si mesmo procurando todos e qualquer tipo de aceitação usava máscaras para poder encaixar-se em algum lugar e sentir que pertence ao mesmo e não totalmente sozinho e com medo de ficar isolado para sempre. E o segundo gume da faca é o momento em que entendo a mim mesmo como potência e esta prática como algo inerente ao convívio social aplicado por pessoas, onde já não me senti mais refém de uma prática que facilmente pode se tornar nociva para quem realiza.

Dentro de minha experimentação cênica, narro os acontecimentos com meu texto e partitura corporal e os períodos com técnicas de teatro diferentes para acentuar estas duas narrativas que concomitantemente se diferem, São exatamente partes complementares de um todo na minha cena. Ambas narrativas falam de tempo e de seus acontecimentos, meu corpo e voz trazem momentos, enfrentamentos, atravessamentos e vivências, e como cada um destes se deu dentro de um período de minha vida, infância, pré adolescência, fase adulta, etc. E estas fases são divididas dentro de minha cena como a fase mais jovem que se dá com o Teatro de Sombras, narrando minha vida dentro de minha casa com meus familiares, a infância. O teatro de máscaras traz a uma fase que não é tão delimitada pelo tempo, mas que é bem evidente, a fase em que eu pensava precisar me esconder atrás de máscaras sociais ou personagens, a adolescência. E corpo solo do ator para representar a última fase narrada por mim em cena, a fase adulta, mas não simplesmente a fase adulta, mas a fase em que me encontro como potência graças ao Teatro.

Finalizando minha narrativa cênica, trago eu! Somente EU. O ator totalmente sem adereços, sem figurino, cara a cara, olho no olho de cada um dos espectadores. Durante toda essa experimentação estive totalmente despido para quem estivesse assistindo, porém, o teatro de animação estava envolto em minha pele narrando todos os acontecimentos junto comigo até o momento.

Esse momento de minha experimentação se dá de forma natural, pois quero mostrar a verdade, a minha verdade e potência da forma mais simples que possa fazer, sem adereços, sem figurinos, nada, somente meu corpo potência que um dia já esteve trancado, agora pode falar sem ter medo, o corpo sem paredes grossas e muralhas gigantes. Somente meu corpo dentro do Teatro fazendo aquilo que sempre se interessou, mesmo sem saber exatamente o que era aquilo

que o chamava. Um corpo explodindo energia, a presença de um ator em cena e suas ações físicas contando uma história com seu corpo, assim como Eugenio Barba diz.

A psicotécnica guia o ator para um desejo de se expressar: mas o desejo de se expressar não determina o que ele deve fazer. A expressão do ator, de fato, deriva — quase apesar dele — de suas ações, do uso de sua presença física. É o fazer, e o como é feito, que determina o que um ator expressa. (BARBA, 1995. p. 187)

Esta é a última parte narrada da minha vivência como um homem preto, com minha sexualidade, como alguém que recém descobriu sua força dentro dos caminhos artísticos. Alguém que ainda está dando seus primeiros passos não somente neste mundo do Teatro e das artes em geral, mas também como alguém que se enxerga como força, um homem que acredita em si mesmo e é autossuficiente para depender de si e acreditar em si. Um homem de cor que não precisa ser forte o tempo todo, tem seus defeitos e qualidades e que sabe que sua existência vale a pena. Tudo isso entrelaçado e envolto pela arte que o resgatou do mais profundo do seu interior fechado, seu próprio corpo. É a mente em estado de êxtase guiando o corpo para um estado de quase transe, uma carga de energia transborda da mente do ator inundando seu corpo inteiro, elevando o estado de ambos, fazendo-os se dilatarem em cena

Existe um aspecto físico do pensamento, uma maneira particular de mover-se, de mudar de direção, de saltar: o seu “comportamento”. A dilatação não pertence ao físico, mas ao corpo-mente. O pensamento deve atravessar a matéria tangivelmente, não apenas manifestar-se no corpo em ação, mas atravessar o óbvio, a inércia, o que surge automaticamente na nossa frente, quando imaginamos, refletimos, agimos. (BARBA, 2009. p. 139)

Esta experimentação cênica foi desenvolvida desde o começo de 2020, elaborada em um cotidiano comum assim como qualquer outro, porém, finalizada em um contexto completamente diferente, no final deste mesmo ano, em meio à pandemia de escala mundial onde a única forma de se fazer e desenvolver Teatro era dentro de casa, longe de qualquer tipo de aglomeração.

Levando em consideração todo este contexto, este trabalho foi montado e será gravado com o auxílio de uma câmera e todos os equipamentos necessários para melhor apreciação do público. Experimentação totalmente pensada para ser feita dentro de um espaço cênico de Teatro.

Espaço cênico com paredes e chão brancos, ambiente pequeno com três paredes no enquadramento da câmera que estará no lugar do olhar do público.

Uma fileira de velas é colocada rente à parede oposta ao fundo da cena, alguns centímetros atrás da câmera onde supostamente estaria o público.

Ambiente iluminado pela luz de velas, somente a penumbra é vista. Lentamente uma sombra masculina se movimenta fazendo uma partitura corporal repetidamente. O fogo das velas formam diversas sombras e o espaço cênico é preenchido por todas elas refletidas nas paredes e no chão.

O ator interpretando o poema 1 (PEQUENA MORADA), descalço, trajando somente calça preta, iluminado pela luz de velas. Entra em cena repetindo a mesma partitura corporal das sombras anteriores e em uma linha crescente se intensifica ganhando ainda mais forma e velocidade. O texto nesse momento é narrado apressado e mais repetitivo, chegando no estado alterado do corpo e da voz.

Sucessivamente as repetições corporal e da voz começam a diminuir seu ritmo até parar. O ator, agora sentado no chão, abraça os joelhos com a cabeça entre eles. Somente a respiração é ouvida. Outro movimento é executado, no qual o ator tenta sair do abraço. Outro movimento também é tomado, no qual, o ator tenta sair do abraço em uma ação de pernas e braços para se desvencilhar daquela posição no chão. A ação passa ganha mais violência e furor, o ator começa a se rastejar pelo espaço cênico travando uma luta em si. Do plano baixo, o ator passa para o plano médio da cena, chegando perto das paredes, se jogando contra elas, dando tapas e socos nas mesmas. Segue assim até chegar no plano alto, agora passa a dar o texto do poema 2 (FAMÍLIA: CASA GAIOLA)

O ator empurra as paredes até terminar o texto, ficando com a cabeça totalmente baixa. Na sequência, levanta a cabeça em um susto e olha para os lados com velocidade até chegar ao centro do espaço, cobrindo seu rosto violentamente com as mãos, e virando totalmente de costas para a câmera(olhar do público).

Pega uma máscara, coloca em seu rosto e passa a falar frases desconexas do poema 3(QUEDA LIVRE), andando aleatoriamente pelo espaço cênico.

Ator começa delicadamente a tocar em sua máscara, andando lentamente e alisando-a. Uma mão tenta arrancá-la, mas é impedida pela outra, ambas começam a se estapear fazendo os estalos ecoarem pelo ambiente, em seguida, os tapas são desferidos na máscara também e em seu corpo também. Neste momento, é falado o poema 4(CÉREBRO COMBUSTÃO), com a ação das mãos tentando tapar sua boca, enquanto tenta desesperadamente falar. Vai seguindo para o fundo do espaço e se ajoelha.

Os tapas se concentram somente na máscara, as mãos ficam visivelmente tensas e trêmulas, até conseguirem tirar a máscara e lançá-la para longe.

Sorrindo aliviado, o corpo visivelmente mais leve vai se acomodando estirado no chão ocupando todo o espaço.

Abraça a si mesmo e fica em posição fetal.

Faz movimentos fluídos, lentos, passando suas mãos por seu corpo e entre seus cabelos. Na sequência, recita o poema 5(HOMO PRETO), com a voz calma e deleitosa, se arrastando pelo chão, com movimentos parecidos aos de uma cobra.

Levanta-se, apoiando as costas na parede e esfrega-se nas mesas Caminha em direção às velas, apagando-as, deixando somente uma acesa. O ator a pega em suas mãos, deixando somente seu rosto iluminado e caminha para o centro do espaço. Outra parte do poema 5(HOMO PRETO), é recitado olhando para a câmera(olhar do público), ao final, ele apaga a vela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de empoderamento de si é contínuo, sinto que este trabalho foi de grande engrandecimento para mim e que continuarei sempre evoluindo. O mundo está longe de ser livre de preconceitos e sei que eu e meus semelhantes continuaremos lutando cada dia mais em busca de transformar a sociedade em um lugar que não seja opressor para nenhuma minoria.

Este processo de pesquisa foi de enorme aprendizado para mim, me sinto privilegiado por não só ter contado, mas também revivido minha história de forma profunda, dentro de minha casa e todos os sentimentos fortes que vivi, lembrar de como foram meus primeiros contatos com o mundo além da minha casa e lembrar de como foi o choque que eu tive com a sociedade preconceituosa, racista e homofóbica e cada cena de racismo que eu vivi, para mim hoje em dia, me reconhecendo como um homem preto é de extrema força libertadora. Orgulho-me de todas as batalhas que eu tive e isso me fortalece para vivenciar os próximos momentos que sei que terei.

Cada ponto de meu rizoma fala um pouco do que eu já fui, como em “Pequena Morada”, onde falo do local onde nasci e como foi de enorme importância eu ter crescido lá, e mostra quem eu sou hoje, em “Homo Preto” falo sobre sexualidade e seus enfrentamentos, assim como o meu encontro com o Teatro e a potência que ele despertou dentro de mim. O moleque que passou por todos aqueles acontecimentos, agora é um homem crescido que lida com as situações de forma diferente, agora com mais força, como potência, sabendo o seu verdadeiro valor, mas tudo isso só foi possível devido ao exercício de visita à toda minha trajetória para assim compreender quem eu sou hoje, indo para meu passado pude compreender meu presente e assim seguir meu futuro.

Foi necessário para o artista e pesquisador que sou, utilizar conceitos aplicados em outros contextos e em outros tempos históricos e trazer para a minha realidade, abrindo espaços para novas discussões e novos pensamentos. O conceito de rizoma de Deleuze e Guattari fala de indivíduos, porém, não deixa de ser uma visão eurocêntrica, em muitos momentos senti que minha pesquisa e meu corpo não se encaixariam em tal teoria, por sentir um grande afastamento do local e momento histórico que Deleuze e Guattari viveram, a França do século XX. O processo de descolonização de meu corpo não foi fácil de refletir, tampouco de fazer, mas este processo foi de extrema importância para mim, somente trazendo para a minha realidade pude ter outros parâmetros dos conceitos que trabalhei.

Utilizar trechos de meus poemas para a cena foi uma sensação forte, escrever sobre meus enfrentamentos é completamente diferente de falar cada palavra em alto e bom som,

principalmente por estar na casa que falo em nos primeiros poemas, com meus parentes que também cito e estando na periferia que nasci encenando a minha história. A mistura de sentimentos dentro da cena foi intensa. Eu pude sentir, dor, raiva, orgulho e até timidez em certas partes. Ver que tudo o que eu estava dizendo em cada um de meus poemas era assistido por meus parentes me atravessou grandemente, disso me orgulho, pois, foi desta forma que a arte chegou em minha vida, me atravessando. A arte me ajudou a entender a potência que eu sou e hoje a uso como minha maior aliada para reverberar minha voz em todas as causas que eu acredito.

O teatro se tornou meu maior aliado e ele é presente no processo de conhecimento de mim e no modo que reflito sobre a sociedade a qual estou inserido. Eu acredito no poder transformador que o Teatro tem e como ele ajuda as pessoas a refletirem e se conscientizarem. Levar o Teatro principalmente para áreas periféricas que dificilmente tiveram acesso à arte em geral é o ponto de partida, este tipo de provocação é importante para semear a reflexão em cada pessoa. Não somente proporcionando espetáculos, também por meio de cursos, oficinas artísticas nas comunidades, para os jovens e adultos que estiverem dispostos a conhecer esta forma de pensar e se expressar e assim como eu pude sair de uma realidade difícil, eles também possam.

Concluo este trabalho pensando no futuro, penso que algum dia um moleque assim com eu, possa ler e assim como o Teatro me atravessou, esta pesquisa possa atravessar quem estiver lendo, penso em meus semelhantes lendo e espero que se empoderando, também penso em outras pessoas que podem ler e refletir sobre como é a vida de um garoto que nasceu na periferia, um garoto preto e todos os enfrentamentos que ele vivencia dia após dia desde criança, de que forma nós podemos ajudar a mudar a realidade destes indivíduos lutando para mudar os conceitos preconceituosos que cercam a atual sociedade a qual fazemos parte.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, C; BORGES, D. Rizoma: uma introdução aos mil platôs de Deleuze e Guattari. **Revista Crítério** [online]. V. 1, n. 4, 2005; Disponível em: http://www.academia.edu/482209/Rizoma_uma_introducao_aos_Mil_Platos_de_Deleuze_e_Guattari
- BARBA, Eugenio. **A arte secreta do ator**. São Paulo: Editora Unicamp, 1995.
- BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- LIMA, Wlad. **Dramaturgia pessoal do ator**. Belém: Grupo Cuíra, 2005.
- MENEZES, Jean Victor Rocha de. **Experimentação cênica “Pedacos de Moleque”**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m8Bqcu77un8>.
- PACHA, Anibal. **Pequenas histórias para pequenos grandes mundos de uma meninagem arteira**. Belém: Editora CRV, 2019.
- PINHEIRO, Luizan. **Anarcometodologia**. Belém: UFPA, 2016.